



A torneira não tem água há mais de 40 dias

Núcleo de produção fica sem água até para beber

Apesar de estar localizado à margem da barragem do Descoberto, o Núcleo Alexandre Gusmão, a 40 quilômetros de Brasília, não tem água para abastecer seus moradores há mais de 40 dias, em razão do Incra, que mantém controle na área, não ter tomado, até o momento, nenhuma iniciativa para pôr em funcionamento um poço artesiano instalado para essa finalidade.

A denúncia é dos próprios moradores, que estão inconformados com a situação e a falta de interesse do Incra. Segundo Amélia Alves Moura, há 14 anos morando no núcleo, os mais prejudicados são aqueles que não têm condições de instalar um poço no quintal de suas casas “e que para não morrerem de sede são obrigados a pedir água no vizinho que tem reservatório, já que é permanentemente proibido retirar água da barragem”.

Dona Amélia mesmo está consumindo o líquido retirado de um cacimbão construído pelo seu vizinho. A ser ver, a solução estaria na instalação de uma bomba no poço artesiano que o Incra abriu desde 77, com a finalidade de suprir as necessidades dos que vivem naquela área.

DIFÍCIL

Em Alexandre Gusmão há duas comu-

nidades distintas: a dos chacareiros, conhecidos como parceiros, e a dos que moram na área 8 do Incra, tidos como invasores, que nada produzem e utilizam o local somente para moradia, em casebres construídos bem a seu modo, tendo controle direto do Incra.

São justamente esses pobres moradores que não sabem o que é ter água nas torneiras há quase dois meses. A exceção de um pequeno número que conseguiu fazer reservatórios, todos dependem da água repassada a seus lares pelo poço artesiano do Incra. Dona Ivone Silvestre, da quadra 4, diz que a situação é difícil pelo fato dos que ali moram não ter segurança quanto à questão da moradia definitiva, uma vez que o Incra vive constantemente ameaçando o pessoal de despejo.

“A gente aqui não pode fazer nada, porque tudo continua indefinido. Não podemos gastar tanto dinheiro na construção de um poço, para no outro dia perder a moradia”, justifica Amélia Moura, que não sabe para quem apelar, alegando que não existe administrador na localidade, a não ser para fiscalizar se estão construindo novos barracos”, disse.